

# Helena Gonçalves

11-09-10

Sal  
gadei  
ras  
GALERIA

## A coragem do óbvio

Apesar das manipulações múltiplas a que foi sujeita a fotografia desde os seus primórdios, ficou sempre um laço residual da imagem ao referente, pelo qual se reconhece “o fotográfico”. A partir desse estrato é possível elaborar as combinações de luz, sombra, traços mais inverosímeis. É possível, também, deixar o suporte ser impressionado pelo óbvio, ou mesmo levá-lo a complexas sofisticacões.

O que perturba logo, nestas quatro fotografias de Helena Gonçalves, é o modo como ela constrói o sentido das imagens. Todas elas são encenações. As cenas têm um sentido imediato, “demasiado” óbvio: o naufrágio-destruição do Ballet Gulbenkian, Saramago bombista-suicida pronto a explodir e a fazer explodir a injustiça do mundo com os seus livros. As imagens reenviam a um referente real artificial, quer dizer, a uma outra imagem. Melhor: ao sentido do sentido que o estado de coisas adquire ao ser assim fotografado. O referente não é pois a realidade indiferente e neutra, mas o significado que dela ressalta. Porque o essencial da construção do óbvio resulta, aqui, da ostensividade da presença do sentido. Da força da imagem como imagem de uma imagem que parece só poder possuir aquele sentido: este emana do real da imagem, não o significa. A cena construída não compõe um símbolo, mas fabrica uma realidade tão intensa que é o sentido do símbolo – a destruição da arte, a guerra, a força da resistência do artista – que é simbolizado pela imagem-instalação. O símbolo-simbolizado emana da intensidade da imagem e toma o seu sentido: é a imagem que interpreta o símbolo e não o contrário.

Tal é a força do óbvio destas fotografias. Diogo Dória tombando na guerra de Espanha dá sentido à imagem de 1936 de Robert Capa que dá (tira) sentido à morte brutal do soldado republicano. O óbvio do óbvio, o reenvio do reenvio que é a fotografia desses reenvios dissolve a neutralidade da representação e faz surgir um real mais real. Com a força de um grito visual, ou de um manifesto.

Mas o óbvio não oferece um sentido único. O sentido que nasce da imagem bifurca, volta-se contra si própria, entra em tensão interna: as teclas do piano de Rodrigo Leão são as balas de um megafone-metralhadora no meio das ruínas (de um país?), os livros de Saramago as granadas que brilham na noite, é no meio de uma acção ofensiva que o soldado de Capa é atingido. Metáforas novamente, regresso ao regime simbólico que, por o ser, permite o elogio da violência? Haverá duas violências, a violência simbólica contra a violência real, literal, da morte, da guerra, da injustiça? Será que, afinal, só a encenação da realidade legitima a simulação da violência? Saramago como falso terrorista contra o terrorismo de toda a espécie de exploração? A encenação dos corpos massacrados dos bailarinos contra o massacre real dos bailarinos?

Mas a força da fotografia, da tensão entre o fundo (negro) e a figura (luz), entre as sombras e os corpos, entre as ruínas e destroços e a fulgurância da presença viva, impedem que se vejam ficções nestas “instalações”. O que dali vem para nós e nos atinge (não são retratos para “contemplar”) é a própria realidade bruta, nua, em tensão intensiva. É esse o sentido das significações que, apesar de bifurcarem, disparam sobre nós, *literalmente*, a violência da revolta contra a violência destruidora. Eis o óbvio obscuro que não pára de fascinar na presença extraordinariamente imóvel – porque em movimento perigosamente iminente – destas fotografias.

JOSÉ GIL

Lisboa, Setembro de 2010